

## **PATRIMÔNIO E CULTURA: a arte de benzer em Paracatu**

**Luiz Paulo do Nascimento<sup>1</sup>  
Giselda Shirley da Silva<sup>2</sup>**

**Resumo:** O estudo objetiva refletir sobre patrimônio e cultura no viés da prática de benzeção nas narrativas de mulheres que benzem em Paracatu, noroeste de Minas Gerais. A arte de benzer é muito presente na cultura mineira e em Paracatu ainda é mantida, fazendo parte das tradições locais repassadas de geração em geração. A pesquisa foi realizada fundamentando em autores da história cultural, com enfoque no patrimônio, memória e história oral. Pautando na metodologia da história oral e visando pesquisar qualitativamente as benzeções como patrimônio e cultura, foram entrevistadas sete benzedeadas que residem na cidade e que possuem mais de 60 anos. As entrevistas foram direcionadas, gravadas, transcritas e as diferentes narrativas possibilitaram a escrita desse artigo. Foram observados também os objetos utilizados pelas benzedeadas no momento das orações. A pesquisa viabilizou a percepção dessa prática, como este saber fazer é impregnado de sentidos e como faz parte das tradições e do patrimônio local, que é rico, diverso e importante na constituição da sua identidade cultural.

**Palavras-chave:** Benzedeadas. Paracatu. Cultura. Crenças. Ritos.

**Abstract:** The study aims to reflect on heritage and culture in the bias of the practice of blessing in the narratives of women who work in Paracatu, northwest of Minas Gerais. The art of benzer is very present in the culture of Minas Gerais and in Paracatu it is still maintained, being part of the local traditions passed on from generation to generation. The research was based on authors of cultural history, focusing on heritage, memory and oral history. Guiding in the methodology of oral history and aiming to qualitatively research the blessings as patrimony and culture, were interviewed seven benzedeadas that reside in the city and that are more than 60 years. The interviews were directed, recorded, transcribed and the different narratives enabled the writing of this article. The objects used by the benzedeadas were also observed at the moment of the prayers. The research enabled the perception of this practice, as this know how is impregnated with senses and as part of the traditions and local heritage, which is rich, diverse and important in the constitution of its cultural identity.

**Keywords:** Benzedeadas. Paracatu. Culture. Beliefs. Rites.

---

<sup>1</sup> Graduado em História/ Faculdade FINOM / luizbebe9@gmail.com

<sup>2</sup> Doutoranda pela Universidade de Évora - Portugal. Pesquisadora Integrada do CIDEHUS-UE – Centro Interdisciplinar de História, Culturas e Sociedades da Universidade de Évora. Mestre em História Cultural pela UnB – Universidade de Brasília. Integrante do grupo de pesquisa – Educação, História, Memória e Cultura em Diferentes Espaços Sociais da PUC – Pontifícia Universidade Católica de Goiás. Professora do Ensino Superior. giseldashirley@hotmail.com

**Recebido em 30/04/2019**

**Aprovado em 10/05/2019**

## Introdução

O presente trabalho tem como objeto as benzeções com parte do patrimônio e cultura de Paracatu, noroeste de Minas Gerais<sup>3</sup>. Ela é uma cidade colonial que surgiu no período da mineração e traz na sua identidade muitos costumes de outrora, entre eles, a prática do benzimento. A utilização das orações visando a manutenção da saúde são empregadas ao longo da história, fazendo parte das tradições populares, ligando a vivência cotidiana as práticas religiosas historicamente construídas. Camargo (1985) abordou a existência, no Brasil, de uma medicina popular de conotações mágico-religiosas e Mary Del Priore em seu estudo sobre a história das mulheres (1997) mostrou como o benzimento, as simpatias e uso de ervas medicinais existem desde os tempos coloniais.

Conforme os dados do IBGE, em 2018 Paracatu possuía uma população estimada de 92.430 habitantes, com uma densidade demográfica de 10,29 habitantes. Insere-se nas Bacias Hidrográficas do rio São Francisco e do Prata / rio Paracatu e rio São Marcos. Sua extensão territorial engloba além da Sede, os povoados de São Domingos e São Sebastião. Sua principal atividade econômica é a agropecuária.

Ao pensar essa prática construída em Paracatu como parte do patrimônio cultural, é preciso compreender o que é patrimônio imaterial, pois, mesmo não sendo uma tradição protegida por meio de registro<sup>4</sup> ou inventário<sup>5</sup> em Paracatu, a arte de benzer e curar males físicos e espirituais por meio da oração faz parte das tradições do mundo rural que foram sendo recriadas na cidade, representando elementos da cultura nas suas diversas formas de expressão. De acordo com a UNESCO, constituem patrimônio cultural imaterial:

As práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas – junto com os instrumentos, objetos, artefatos e lugares culturais que lhes são

---

<sup>3</sup> O noroeste do estado é dividido em duas microrregiões: a de Paracatu e a de Unaí, e reúne os municípios: Arinos, Bonfinópolis de Minas, Brasilândia de Minas, Buritis, Cabeceira Grande, Chapada Gaúcha, Dom Bosco, Formoso, Guarda Mor, João Pinheiro, Lagoa Grande, Natalândia, Paracatu, Pintópolis, Riachinho, Unaí, Uruana de Minas, Urucuia, Vazante. (SILVA; SILVA; GONÇALVES, 2011).

<sup>4</sup> O decreto nº 3.551, que instituiu o Registro de Bens Natureza Imaterial.

<sup>5</sup> “Os Inventários são instrumentos de preservação que buscam identificar as diversas manifestações culturais e bens de interesse de preservação, de natureza imaterial e material. O principal objetivo é compor um banco de dados que possibilite a valorização e salvaguarda, planejamento e pesquisa, conhecimento de potencialidades e educação patrimonial.” Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/421>. Acesso:10/04/2019.

associados - que as comunidades, os grupos e, em alguns casos, os indivíduos reconhecem como parte integrante de seu patrimônio cultural.<sup>6</sup>

Percebemos a estreita relação que se estabelece entre patrimônio e cultura e na polissemia que se reveste o termo. Para Pelegrini e Funari (2008) relacionam a cultura a um elemento da coletividade, sendo que, incide no repasse de valores adquiridos por meio da vivência em grupo. Apresentamos a noção de cultura entendida neste trabalho:

Cultura é o meio pelo qual o indivíduo tem acesso ao mundo exterior e a sociedade em que vive. Ela lhe fornece os elementos da compreensão de uma situação no mundo e na sociedade e também os princípios orientadores para sua conduta e adaptação às diversas situações de vivência. Estes princípios de explicação e de orientação devem formar um sistema integrado e coerente que permita ao indivíduo sentir-se e atuar de modo consistente. (STORT, 1993, p. 26)

Nesse caso, observamos a cultura como parte das relações sociais, sendo, dinâmica e historicamente construída. A cultura é fundamental na formação humana, por isso, a importância de pensarmos nas diversas manifestações e formas do fazer em sua multiplicidade e singularidade. No caso de Minas Gerais, precisamos pensar a diversidade de expressões culturais e tradições que fazem parte do universo dessa Unidade da Federação e as diferentes formas de representação da mesma.

Representações são aqui entendidas conforme definiu Jodelet (2001, p.22), sendo uma “forma de conhecimento, socialmente elaborada e partilhada, com um objetivo prático, e que contribui para a construção de uma realidade comum a um conjunto social”. Nesse caso, conhecer representações de benzedeiras sobre a arte de benzer e como ajudam as pessoas que a elas recorrem pedindo orações, significa conhecer um pouco mais da vivência de pessoas simples que recorrem aos saberes tradicionais para a manutenção da saúde de quem quer que as procurem. Para se compreender este objeto, faz-se necessário saber o que é benzeção:

O ato da bênção é um ato de súplica, de imploração, de pedido insistente aos deuses para que eles se dispam dos seus mistérios e se tornem mais presentes, mais concretos, para que tragam boas novas, produzindo benefícios aos mortais. A bênção é um veículo que possibilita ao seu executor estabelecer relações de solidariedade e de aliança com os santos, de

---

<sup>6</sup> Definição conforme a Convenção da Unesco para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial, ratificada pelo Brasil em março de 2006. Disponíveis em: <<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes>>. Acesso: 05/03/2019.

um lado, com os homens de outro e entre ambos, simultaneamente (OLIVEIRA, 1985, p.2).

A autora relaciona o ofício da benzedeira ao ato de abençoar, por meio da mediação entre a pessoa a ser benta e as divindades a quem ela clama no momento da oração, estando ligada também a questão da religiosidade. Del Priore (1997) destaca o papel historicamente construído dessas mulheres e sua relação com a saúde, às plantas, o quintal e como este fazer relaciona-se a um simbolismo e uma crença.

O tema abordado é importante para entendermos como ainda ocorre a prática do benzimento, contribuindo para a escrita da história e cultura local. Ao pensarmos nessa prática, algumas inquietações tornaram-se o eixo condutor do estudo: Como e com quem aprenderam a benzer? Já ensinaram para alguém o ofício? Quais são os objetos usados pelas benzedeiros no ritual e os significados a eles atribuídos? Quais são os santos de devoção das benzedeiros e quais são invocados nos rituais de benzimento?

Objetivamos com este trabalho analisar como e com quem aprenderam a benzer, e se já ensinaram para alguém o ofício que realizam; verificar os objetos usados pelas benzedeiros no ritual e os significados a eles atribuídos; identificar os santos de devoção e quais são invocados nos rituais de benzimento.

Esta investigação foi realizada no viés da História Cultural. Para Chartier (1988), a história cultural liga-se à subjetividade das representações, identificando o modo como uma diferente realidade é construída, pensada, dada a ler. Pesavento (2005) enfatiza o campo de trabalho da história cultural no qual se resgatam os sentidos conferidos ao mundo, sentidos esses manifestados pelas palavras, discursos, imagens, coisas e práticas.

Faz-se mister destacar a relevância dos estudos sobre a história local e regional, levando em consideração que “o recorte sobre história local apenas designa uma delimitação temática mais ou menos inclusiva em função das particularidades que se queira determinar, no âmbito do espaço social e temporal escolhido” (CARVALHO; CARVALHO, 2010, p. 79).

Portanto, refletir sobre a tradição de benzer, sua importância no contexto local, no âmbito da cultura e do patrimônio imaterial significa pensá-lo em um campo de múltiplas dimensões e sentidos.

A metodologia usada foi à história oral, possibilitando ver diferentes narrativas sobre esse saber fazer e a relação com a memória. Segundo Lucília Neves Delgado.

Narrativas sob a forma de registros orais ou escritos são caracterizadas em palavras os registros da memória no tempo. São caracterizadas pelo movimento peculiar à arte de contar, de traduzir o importante como estilo de

transmissão, de geração para geração, das experiências mais simples da vida cotidiana e dos grandes eventos que marcaram a História da humanidade. São suportes das identidades coletivas e do reconhecimento do homem como ser no mundo. O passado espelhado no presente reproduz, através das narrativas, a dinâmica da vida pessoal em conexão com processos coletivos. A reconstituição dessa dinâmica, pelo processo da recordação, que inclui ênfases, lapsos, esquecimentos, omissões, contribui para a reconstituição do que passou segundo olhar de cada depoente. (DELGADO, 2006, p.16)

A autora mostra a importância da história oral e nos apresenta a relação entre passado e presente. Assim, foram realizadas entrevistas direcionadas com sete benzedeadas residentes em Paracatu com mais de 60 anos, escolhidas de forma aleatória. As entrevistas foram gravadas, transcritas na íntegra e analisadas posteriormente. Os dados foram coletados em suas residências no momento dos benzimentos. Acreditamos que as entrevistas forneçam elementos e informações sobre a tradição da benzedura, fé e religiosidade envolvidas nessa prática que é individual, mas que também faz parte da coletividade.

A memória será fundamental neste trabalho, subsidiando e alimentando as narrativas, pois cada narrador, buscando pelo fio da memória, teve condições de contar a forma como aprendeu e repassa o saber, relacionando a forma como realiza o rito. Foram realizadas observações em momentos de benzimento, sendo utilizado um caderno de campo onde foram feitas as anotações resultantes da observação.

### **As benzeções em Paracatu**

Em Paracatu há diversas pessoas que ainda benzem, sendo homens e mulheres, em sua maioria, pessoas mais idosas. Muitos possuem no início de sua história uma ligação com o mundo do campo e a relação com as dificuldades da vida cotidiana.

As sete benzedeadas entrevistadas são mulheres humildes, com pouca escolaridade, mas muito habilidosas nas práticas de cura. Oliveira (1985, p.25) escreveu que as benzedeadas são cientistas populares que possuem “uma maneira muito peculiar de curar: combina os místicos da religião e os truques da magia aos conhecimentos da medicina popular.”

Residem em casas simples, em diferentes lugares da cidade, onde as pessoas vão para pedir que sejam feitas as orações de benzimento, pois, apesar de todas elas possuírem mais de sessenta anos, ainda benzem, sendo apenas uma que afirmou “quase não benzer mais por ser hoje evangélica.” Observamos, a influência religiosa na continuação da prática. Geralmente, a

maioria das pessoas que benzer possuem ligação com o catolicismo popular ou a religiões de origem afro, sendo, as igrejas protestantes ou evangélicas contrárias ao benzimento.

A benzedeadas realizam suas orações a medida em que são procuradas, entendendo ser seu papel atender a quem quer que as procurem, construindo uma rede, pois muitas pessoas recorrem com frequência ao trabalho da benzedeadas, conferindo-lhes confiabilidade.

### **As benzedeadas nas representações das benzedeadas**

Ao irmos a campo para realizar a pesquisa fizemos primeiramente a entrevista com Dona Jovelina<sup>7</sup> Fernandes, benzedeadas com 100 anos de idade, e que ainda exerce a prática do benzimento. Expressou contentamento em participar da pesquisa e buscava pelo fio da memória as lembranças acerca da sua vivência.

Para conhecermos um pouco sobre a arte de benzer em Paracatu nas representações das benzedeadas, indagamos inicialmente, sobre o aprendizado do ofício, visando compreender com quem aprenderam a benzer.

Dona Ilda<sup>8</sup> disse que aprendeu a benzer por intuição divina, *“eu não aprendi com ninguém meu benzimento, ele veio de berço”*. No mesmo sentido, Dona Zulmira, afirmou ter sido a inspiração o elemento chave, pois, *“quando alguém sentia alguma coisa eu olhava para um ramo e vinha uma oração na minha cabeça”*. Nas narrativas, percebemos a importância do dom e inspiração divina como elementos de aprendizado e manutenção do ato de benzer.

Dona Jovelina respondeu que aprendeu com sua mãe que também era benzedeadas, observando como ela fazia. Dona Maria<sup>9</sup>, disse que aprendeu com uma tia que morava na zona rural. Dona Benedita<sup>10</sup>, afirmou ter aprendido com *“um “velho de nome maro, que me ensinou antes dele morrer”*. Maria Conceição<sup>11</sup> aprendeu a benzer com o pai, sendo que este faleceu há muitos anos. Já, a última benzedeadas entrevistada, Dona Maria<sup>12</sup> relatou ter sido o exemplo do pai, o fator fundamental para o aprendizado. *“Papai era um homem muito sabido. sabia benzer de tudo quanto há. Brincalhão, ajudava muita gente.”*

No caso das outras cinco benzedeadas entrevistadas, o conhecimento foi adquirido por

---

<sup>7</sup> Benzedeadas, moradora no Bairro Amoreiras, data de nascimento 06 de abril de 1918.

<sup>8</sup> A segunda entrevista foi com a dona Ilda da Abadia Pereira da Silva Celestino, 71 anos e filha da benzedeadas Dona Jovelina. Residente no Bairro Amoreiras, Paracatu.

<sup>9</sup> Benzedeadas com idade de 65 anos. Residente no Bairro Nossa Senhora De Fátima em Paracatu. Atualmente não benze mais por ser evangélica.

<sup>10</sup> Benzedeadas de 73 anos. Moradora do bairro JK em Paracatu.

<sup>11</sup> Benzedeadas de 81 anos. Moradora do bairro JK em Paracatu.

<sup>12</sup> A sétima benzedeadas é Maria de 86 anos, moradora do bairro JK em Paracatu.

meio da vivência no seio familiar, sendo pai, mãe, tia, também benzedores. O aprendizado nesse caso, além de ser ligado a uma pessoa próxima, o que faz do indivíduo que aprendeu alguém que tem a responsabilidade de manter a prática. Essa responsabilidade amplia-se pela questão do dom, pois, algumas famílias numerosas em que o pai ou a mãe são benzedores, nem todos os filhos aprendem a benzer. Dona Maria contou que na sua casa são dez irmãos e que somente ela aprendeu a benzer. Muitos não se interessam pelo ofício ou não tem o “dom”. Nesse caso, o aprendizado está ligado ao exemplo, ao dom e ao interesse por aprender, sendo o sentimento de caridade, fundamental para o exercício da prática. É recorrente a afirmativa de que benzem com o intuito de ajudar o outro que está necessitando, assim, geralmente não se cobra pelo trabalho.

Comprendemos que conservação desse aprendizado tem afinidade com a cultura e a sabedoria ancestral transmitida no decorrer da história, mas está também ligada a religiosidade, a crença, e as necessidades encontradas pelas pessoas ao longo da vida, especialmente para quem vivia no campo e o acesso aos hospitais e médico era “difícil.” Estes fatores foram importantes para a preservação dessa prática na cultura de Minas e em Paracatu, pois, tal como afirmou Maria Clara Machado (2007), ainda se benze em Minas Gerais.

O segundo questionamento feito nas entrevistas foi se as benzedoras já ensinaram alguém a benzer. Dona Jovelina disse já ensinou para muita gente, inclusive, “*já ensinei até pra gente de Brasília.*” Dona Ilda disse ter ensinado para sua filha, mas não sabe se a mesma prática. Dona Zulmira respondeu que ainda não ensinou para ninguém e que só pode ensinar para pessoas mais novas que ela, pois se ensinar para alguém mais velho seu benzimento perde a força. Dona Maria e Dona Benedita também mencionaram que não ensinaram a ninguém, pois, acreditam que o repasse desse saber deve ser feito somente quando não mais forem mais praticar o ofício. Dona Benedita afirmou ainda que a pessoa com quem aprendeu, disse-lhe que, se ensinasse para alguém o benzimento dela e o da pessoa que aprendeu não teria valor. Dona Maria respondeu que não pode ensinar para ninguém, pois, quando ensina o benzimento, a pessoa perde a sua força. Observamos nas narrativas apresentadas acima, a crença de que, a arte de ensinar está intimamente ligada ao repasse do dom a outra pessoa e a perda da capacidade de curar quando se ensina. Esta questão relaciona-se a forma como elas percebem o mundo e seu papel, pois, muitas se veem como intercessoras e, outras se percebem como portadoras de um dom, sendo elementos importantes na legitimação e manutenção da prática.

Com uma visão diferente, Maria Conceição afirmou que ensina para quem quiser

aprender. Dona Conceição, com a mesma concepção, até nos ensinou um benzimento para “estancar” sangue, dizendo: “*Bom Jesus de Nazaré, entanca esse sangue, Bom Jesus de Nazaré.*” Segundo ela, esse benzimento deve ser feito segurando o local que estiver sangrando, devendo repetir as palavras 3 vezes seguidas. Ela chamou a atenção para a questão da fé, sendo, na sua concepção, o elemento fundamental para a prática do ofício.

Os símbolos usados no momento do ritual são de suma importância. As benzedeadas usam objetos diferentes, que diversificam de acordo com a tipologia da oração e a crença do benzedor. Acerca do universo simbólico contido nos objetos usados durante o ritual de benzimento, Machado afirmou que:

Os instrumentos intermediários usados como coadjuvantes à palavra devem ser virgens, não tocados, utilizados apenas nas etapas do processo ritual. Deles podem fazer parte panos, facas, machados, plantas, velas, incensos, novelos, agulhas, entre outros. O simbolismo dos números também está presente nas fórmulas da benzeção: os três, os sete e o nove têm um poder especial de neutralizar o mal. Os números ímpares se articulam à ideia de virilidade, perfeição, não podem partir-se em dois, daí a sua força (MACHADO, 1997, p. 242).

Compreendemos a importância do símbolo e da linguagem característica como algo essencial para o ritual do benzimento, pois as benzedeadas na visão do autor se utilizam destes alegando a neutralização do mal. Partindo da contribuição da historiadora, perguntamos as benzedeadas quais objetos elas usam para benzer. Dona Jovelina respondeu que usa ramos verdes, velas e orações. Ao ser indagada com relação ao significado desses objetos ela nos respondeu que a vela servia para “*alumiar os caminhos das pessoas*” e que os ramos eram usados porque foram plantados por Nossa Senhora. Ela citou o nome de alguns, entre eles, arruda, guiné, alecrim e espada de são Jorge. Enfatizou que benze com todo tipo de ramo verde, mas dispensa qualquer um que tenha espinhos.

Dona Ilda afirmou que usa qualquer ramo verde, mas, prefere benzer com arruda. Os elementos da natureza, em específico as plantas, são importantes pois na concepção da benzedeadas, “*quando Deus andou pelo mundo ele plantou muitos ramos*”. Reiterou afirmando que cada tipo de ramo tem as energias para curar as pessoas de diversos males. Segundo Dona Zulmira, usa qualquer ramo verde, pois, os ramos foram deixados por Deus e por isso eles têm o poder de curar as pessoas. Dona Marta afirmou usar arruda, pois, ela serve para curar muitos males. Disse ainda que, “*quando você sentir dor de cabeça você pega três galhos de arruda e ferve e joga na croa da cabeça*”.

Dona Benedita disse que usa arruda, guiné e vela branca. Acerca do significado, ela

ponderou que a arruda e o guiné, são plantas que ajudam a afastar os males e tirar qualquer energia negativa. Já, a vela simboliza a luz para quem está na escuridão. Dona Conceição disse que usa arruda e guiné e que esses ramos foram deixados por Deus e que eles têm o poder de curar e tirar inveja. Dona Maria usa vela, água benta e ramo verde. Ao ser indagada sobre o significado desses objetos, ela relatou que para ela não tem tanta importância, mas sim, para quem está precisando do benzimento.

Os objetos usados pelas benzedeadas no momento da oração são símbolos relacionados a cultural local. Seus significados e contextualização no rito, diversificam de uma para outra. Esse universo simbólico possui importância no ritual, como a presentificação de algo sobrenatural. Sobre símbolo, Turner (2005, p.49) definiu como “uma coisa encarada pelo consenso geral como tipificando ou representando ou lembrando algo através da posse de qualidades análogas ou por meio de associações, em fatos ou pensamentos.

O terceiro questionamento feito as benzedeadas foi sobre os seus santos de devoção e a quais elas recorrem para auxiliá-las no momento do benzimento.

Dona Jovelina afirmou benzer pedindo a Nossa Senhora Aparecida, Nossa Senhora Da Abadia, Menino Jesus, São Jorge, São Brás e São Benedito. Dona Ilda nos respondeu que seus santos de devoção são Nossa Senhora Aparecida e todos os santos. No momento do benzimento ela roga a Jesus de Nazaré e Nossa Senhora Aparecida. Dona Zulmira respondeu que seus santos de devoção são: Nossa Senhora Aparecida, Santa Luzia e São Jorge, mas que, no momento do benzimento pede auxílio a Nossa Senhora Aparecida e Santa Luzia. Dona Benedita é devota de Nossa Senhora Aparecida, mas, na hora de benzer, roga por Nossa Senhora e por São Jorge Guerreiro. A devoção de Dona Conceição é voltada para Santo Antônio, São Pedro, São João e Nossa Senhora Aparecida. Ao benzer, clama a Nossa Senhora Aparecida e a São Pedro. Dona Maria mencionou a devoção a Nossa Senhora Da Guia, São Francisco, São Lazaro e Nossa Senhora Aparecida. Segundo ela, recorre a Nossa Senhora quando o benzimento é mais simples, já, quando é pesado e a pessoa está muito carregada, clama por São Jorge Guerreiro.

Observamos que os santos de devoção variam de uma benzedeadas para outra, sendo recorrente a devoção a Nossa Senhora Aparecida, o que nos dá a entender que o fato de ser um culto Mariano a padroeira do Brasil, ser um fator que influencia. Observamos o clamor a São Jorge Guerreiro quando a pessoa a ser benta depende de uma “oração mais forte”.

Diferente das demais benzedeadas, Dona Marta respondeu que ela antigamente

acreditava em santo, mas que agora, como é “evangélica” só pode benzer pedindo a Deus e ao Espírito Santo para curar a pessoa. Nesse caso, não há mediação dos santos, sendo as preces direcionadas a Deus, que, no entendimento da narradora, é quem faz a cura.

Os rituais do benzimento ocorrem de maneira diferenciada dependendo da enfermidade, sendo, uma forma de proteção, tal como ensinou Dona Jovelina:

*A morte quando vem calada e sozinha ela em vem dizendo que essa hora e minha, essa hora e minha é hora da agonia sem folego e sem fala te protege pelo dia. Se apega com Jesus que ele te mandará um anjo de guarda para te guardar. (Entrevista Dona Jovelina, 2018)*

Além dessa oração de proteção, narrou sobre a oração contra o mau-olhado, olho-gordo, inveja, os quais causam males físicos e espirituais em quem recebe. Por isso, ela narrou as palavras a serem proferidas para benzer quem está acometido do mal. Afirmou que antes de benzer, entoava uma canção para pedir proteção divina.

*A nós descei a divina luz. A nós descei a divina luz. Em nossas almas acendei, o amor, o amor de Jesus. O amor de Jesus. Padre Cícero tava dormindo todo coberto de flor, chegou dois anjins do céu e Padre Cícero se acordou. O que caminho tão longo tão cheio de maravilhas aonde passou dois anjins junto com a Virgem Maria. (Entrevista Dona Jovelina, 2018)*

A música, nesse sentido, simboliza o pedido de proteção divina e o amor de Jesus Cristo. Dona Jovelina relatou alguns benzimentos que, segundo ela, são mais frequentes, como o quebranto, também conhecido como mau-olhado, que provoca moleza, especialmente nas crianças, além de desânimo, sonolência, abatimento e enfraquecimento.

*Quebrante, mau-oiado, no osso colocado. Com dois puseram, com três eu tiro. Com as três pessoas da Santíssima Trindade, que tira quebranto e mau-olhado, prá ondas do mar, prá nunca mais voltar (Entrevista Dona Jovelina, 2018)*

Mencionou que para curar de espinhela caída, que é uma dor na região do tórax, associada à debilidade física, assim reza:

*Barquinho de Santa Maria, navega no mar sem emborcar. Levanta a sua espinhela, põe tudo no seu lugar. Deus nosso senhor, quando pelo mundo andou muita coisa ele levantou, vento, arca e espinhela ele levantou” (Entrevista Dona Jovelina, 2018)*

Para benzer de carne quebrada<sup>13</sup>, a reza é feita enquanto se costura simbolicamente o local usando agulha e linha. Durante o ritual simbólico e gestual, ela vai dizendo: *“O que é que eu coso? Assim mesmo eu coso. Osso rendido, nervo magoado, veia sentida, carne quebrada. Assim mesmo eu coso, em louvor a São Frutuoso”*

Após a entrevista acompanhamos à rotina da Dona Jovelina por 4 dias seguidos. Nesse período, observamos como ela realiza a prática do benzimento com as pessoas chegam e pedem para que ela os benza. Usando uma vestimenta branca, vai ao terreiro de sua casa onde há plantas e de onde retira um ramo verde. Inicia o rito com a oração do Pai-Nosso. Acende uma vela branca no seu altar repleto de santos católicos e outras divindades relacionadas aos cultos afro-brasileiros, demonstrando o sincretismo contido no ato e na devoção. Em seguida, ela canta de três a quatro músicas que denomina de “ponto”. A letra desses “pontos” entoa uma conexão com a espiritualidade de uma cantiga para outra. A benzedeira pede proteção a diversos santos em alguns momentos, boceja, arrepia e afirma sentir presença de energia negativa.

Oliveira (1985, p.09) mencionou que “a benção é um veículo que possibilita a seu executor estabelecer relações de solidariedade e aliança com os santos, de um lado, com os homens, de outro, e entre ambos simultaneamente”. Na perspectiva da autora, a benção é um meio usado para contribuir para a melhora do outro, sendo solidários e muitas vezes, repassando valores imbricados na religiosidade popular.

Depois da oração, Dona Jovelina receita a pessoa a qual foi benzida, que faça banhos com ervas e plantas que afugentam o mal, como exemplo, arruda, guiné, espada de São Jorge. Nesse sentido, observamos que, “na concepção de algumas pessoas, há espécies de plantas que são possuidoras de forças que atuam no mundo invisível e na luta do bem contra o mal, atuando positivamente como protetoras da casa, da pessoa ou do corpo.” (SILVA, 2007, p. 133)

Observamos um conjunto de símbolos, gestos e palavras e presentes no rito, entrelaçados pela fé e pelo saber fazer. Esse contexto nos lembra as palavras de Machado:

O que realmente conta é de um lado a fé e de outro o dom de curar, a premonição, a intuição e a sensibilidade a florada, enunciada. É o mundo da magia expresso por códigos de linguagem, pelo ritual em que o simbólico, o gestual, reinaugura o contato entre o material e o espiritual. Não existem testemunhos documentais, provas. É preciso antes de tudo experimentar, ver para crer (MACHADO, 1997, p. 234).

---

<sup>13</sup> Carne quebrada é quando a pessoa machuca a carne do corpo e então o benzedor benze, costurando com um novelo de linha fiada em casa.

Esse experimentado está ligado ao momento e a fé. Muitas vezes, quando encerra o ritual, a benzedeira conversa com a pessoa que foi benzida, faz previsões para o futuro da pessoa, aconselha. Seu discurso é sempre de amor ao próximo, que não tenham o coração ruim e que pratiquem o bem.

Observamos ser a saúde um fator que dificulta a prática. Dona Zulmira nos relatou que já tem mais de um mês que não benze, pois, sua saúde está debilitada. Saúde frágil dificulta o exercício da prática, pois, as benzedeiros precisam ter “forças” para obter êxito em suas orações.

Acompanhamos a rotina da Dona Ilda por três dias observando os rituais do benzimento. Em sua casa, os adultos que ali chegavam para serem benzidos eram atendidos em frente ao altar que estava sempre arrumadinho, com uma vela acesa e repleto de santos. Geralmente a pessoa chegava e explicava o que estava sentindo. A partir da narrativa do cliente, a benzedeira conduzia o benzimento que considerava ser necessário para acabar com aquele mal que a pessoa havia descrito. Quando a pessoa a ser benta era criança, o ritual diferenciava-se. A criança era entregue à benzedeira que já está com um ramo verde na mão. Por meio de gestos, fazia o “sinal da cruz” no corpo da criança usando o ramo verde, rezando em voz baixa. Ao concluir, o ramo era atirado fora pelo lado esquerdo, acima do ombro da benzedeira.

Acompanhamos um ritual de benzimento feito por Dona Conceição. A pessoa que a procurou alegava estar com cobreiro<sup>14</sup>, havendo em seu corpo algo semelhante a uma alergia. Para iniciar o benzimento, ela usou três galhos de um ramo específico, denominado “*assapeixe*”. Iniciou o benzimento gesticulando o sinal da cruz. A benzedeira colocou o primeiro ramo no chão, pegou uma faca para cortar o ramo e perguntou: “*O que que eu corto?*” a pessoa respondeu “*cobreiro brabo*”. Na sequência do rito, a benzedeira continuou dizendo: “*cobreiro de aranha, cobreiro de sapo, cobreiro de cobra e fogo selvagem. Corto a cabeça corto o meio e corto o rabo*”. O mesmo ritual foi feito usando os três galhos. Quando terminou o benzimento, ela pegou os galhos e colocou para queimar. Segundo ela, para saber qual o tipo de cobreiro a pessoa estava acometido, precisava colocar no fogo. “*Se queimar e estralar o cobreiro é de aranha. Se pipocar é cobreiro de sapo. Se se no talo do assapeixe sair um caldo é cobreiro de cobra. Se demorar a queimar é fogo selvagem.*”

Após o ritual, pediu a pessoa para voltar mais duas vezes. Algumas tipologias de benzimento devem ser feitas mais de uma vez para obter sucesso na oração. Muitos benzedores pedem que ela seja feita na sexta-feira, pois, é o dia mais forte para a benzeção.

---

<sup>14</sup> O cobreiro é visto como sendo uma doença que se contrai através do contato direto com roupas por onde tenham passado certos insetos ou animais peçonhentos. Caracterizam-se irritações na pele acompanhadas de dor.

O resultado positivo da benzeção é resultante, de uma força espiritual que ilumina a pessoa que tem o dom e benze, associado a um ritual simbólico, visando restituir a saúde de quem recorre ao benzedor ou benzedeira. Diante da pesquisa compreendemos tal como afirmou Elda Rizzo de Oliveira (1985, p. 48), que é “amplo o campo de trabalho da benzedeira. (...) Estão mais ligadas a religião do que o raizeiro, por exemplo, e constroem um discurso religioso em cima do uso da medicina popular. ” Nesse universo da cultura, em sua amplitude e ao mesmo tempo, singularidade, podemos inferir a tradição de benzer como um elemento que, de certa forma, possibilita identificar elementos da cultura e identidade de um povo

### **Considerações finais**

Concluimos, ao final dessa etapa da pesquisa que o saber fazer das benzedeiros é uma herança familiar e social, sendo o conhecimento adquirido no seio familiar ou na comunidade onde reside. Geralmente numa mesma família, a avó, o pai, a mãe, e tias também compartilham deste "dom" e saber fazer, sendo, um conhecimento passado de geração para geração. Outras alegam ser o aprendizado uma inspiração divina. Poucas benzedeiros ensinaram o ofício a outra pessoa, partindo do entendimento que o ato de ensinar retira a eficácia de sua oração.

Os objetos usados nos ritos do benzimento são diversos, entre eles, arruda, guiné, folha de pimenta, agulha, pano branco, velas, água benta, sendo cada um, para um tipo de oração. Os rituais ocorrem de maneira diferenciada, dependendo da enfermidade. As orações e rituais variam dependendo da enfermidade que a pessoa alega sentir.

Nas observações que fizemos conseguimos identificar nas orações, nas práticas, nos altares e nas representações, crenças e divindades, o que nos permite entender que o benzimento faz parte da pluralidade cultural advinda da mistura de etnias e culturas que compõem a identidade cultural e do rico patrimônio cultural do Brasil.

### **Referencias**

CAMARGO, M.T.L. de A. **A medicina popular**: aspectos metodológicos para pesquisa garrafada. São Paulo, Aimes Editora e Livraria Ltda, 1985.

CHARTIER, R. **A história cultural entre práticas e representações**. Lisboa: Difel, 1988.

CARVALHO, Carlos Henrique de; CARVALHO, Luciana Beatriz de Oliveira Bar de. História/historiografia da educação e inovação metodológica: fontes e perspectivas. In: COSTA, Célio Juvenal Costa; MELO, Joaquim José Pereira; FABIANO, Luiz Hermenegildo. **Fontes e métodos em história da educação**. Dourados/MS: UFGD, 2010, p. 79-110.

DELGADO, Lucília de Almeida Neves. **História Oral** – Memória, tempo, identidades. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

JODELET, Denise. **Representações sociais**: um domínio em expansão. In: JODELET, Denise (Org.). As representações sociais. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001, p. 22.

DEL PRIORE, Mary. Magia e Medicina na Colônia: o corpo feminino. In **História das Mulheres no Brasil** - São Paulo: Contexto, 1997

MACHADO, Maria Clara T. **Culturas Populares e Desenvolvimentismo no interior das Gerais**: caminhos cruzados de um mesmo tempo (1950-1985). Tese (doutorado) – USP, São Paulo, 1997.

MACHADO, Maria Clara Tomáz. **Ainda se benze em Minas Gerais**. Associação Nacional de História. ANPUH. XXIV Simpósio Nacional De História -2007.

OLIVEIRA, E. R. de. **O que é benzeção**. São Paulo: Editora brasiliense, 1985.

PELEGRINI, Sandra. C. A; FUNARI, Pedro Paulo A. **O que é patrimônio Cultural Imaterial**. São Paulo: Brasiliense, 2008.

PESAVENTO, S. J. **História & História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

PEREIRA, João Baptista Borges. **Pessoa e instituição** - Entrevista com João Baptista Borges Pereira. Rev. Depto. Antropologia da USP, 2003.

SILVA, Giselda Shirley. **Um cotidiano partilhado**: entre práticas e representações de Raizeiros e Benzedeiros (Remanescentes de Quilombo de Santana da Caatinga – MG/ 1999-2007). Dissertação (Mestrado em História). Universidade de Brasília, 2007.

SILVA, Giselda Shirley da; GONÇALVES, Maria Célia da Silva SIVA, Vandeir José da Silva; **Histórias e Memórias**: Experiências Compartilhadas em João Pinheiro: Patrimônio Cultural de João Pinheiro, 2011.

STORT, Eliana V.R. **Cultura, imaginação e conhecimento**: a educação e a formalização da experiência. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1993.

TURNER, Victor. **Floresta de Símbolos**: aspectos do ritual Ndembu. Tradução de Paulo Gabriel Hilu da Rocha Pinto – Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense. 2005.